

A VENEZUELA NO BURACO



Ricardo Vélez Rodríguez

Coordenador do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF. Professor Emérito da ECEME. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Docente da Faculdade Arthur Thomas, Londrina.

Rive2001@gmail.com

A crise institucional está tocando fundo na Venezuela. O Chavismo acabou com o país. A prova mais forte dessa trágica situação é a fuga em massa dos cidadãos venezuelanos para o Brasil e a Colômbia.

Já são mais de 30.000 os que cruzaram a fronteira com o nosso país, no longínquo Estado de Roraima. E a onda humana continuará a aumentar, o que obrigará o governo brasileiro a tomar medidas extraordinárias. As autoridades de Roraima deverão decretar o estado de calamidade pública, a fim de receberem ajuda federal e fazerem frente a essa situação emergencial. Algo semelhante ocorre na Colômbia, onde têm procurado refúgio miles de venezuelanos que fogem porque não têm mais o que comer no seu país de origem. O chavismo acabou com a economia de mercado e com a Venezuela!



"O passarinho Chávez de Maduro", charge do jornal argentino *Clarín*, abril de 2013.

As desgraças que os nossos vizinhos venezuelanos sofrem já eram previstas. Ao longo dos últimos quinze anos, a "Revolução Bolivariana" do coronel Chávez e do seu sucessor, o inepto Maduro, passou a gerir ideologicamente o país.

Algo que no Brasil conhecemos de perto ao longo do ciclo lulopetralha. Hoje estamos pagando a conta, com a economia esgarçada pelo festival de corrupção e de inépcia que foi enxotado com o governo da Dilma. A presidente-poste deu continuidade ao carnaval de corrupção e de descaso com a coisa pública, dos dois governos de Lula. Felizmente no Brasil a sociedade civil conseguiu colocar para fora os petralhas, antes de que acabassem com a nossa economia e com o que restava de credibilidade do país no cenário internacional.

A desagregação dos Estados é como a explosão das estrelas: jogam para fora, na imensidão do espaço cósmico, a sua massa de prótons e de nêutrons (no caso da morte estelar), ou enxotam para fora das suas fronteiras a massa humana que, desnorteada, passa a ocupar espaços dos países vizinhos (no caso da falência institucional de um Estado). É o que atualmente está acontecendo com a Venezuela.

O caso venezuelano é apenas um episódio da "onda vermelha", que percorreu o continente latino-americano após a criação do Foro de São Paulo por Lula e Fidel Castro, nos anos 90 do século passado. Nessa estapafúrdia organização refugiaram-se as "viúvas da Praça Vermelha", após o desmanche do Império Soviético em 1989.

Os regimes surgidos desse pacto do atraso levaram justamente para o buraco os países que acreditaram na falsa saída: Argentina, Bolívia, Equador, Brasil, Venezuela, para não falar nos países menores da América Central e do próprio México, que também sofreram os abalos da proposta de revivescência do comunismo. Os nossos vizinhos colombianos viram-se às voltas com as tentativas totalitárias das FARC para fazer desse país a sede de mais um governo da esquerda troglodita.

A "onda vermelha", felizmente, está chegando ao seu fim. Mas o caso mais dramático é o desmanche da Venezuela, que está afetando diretamente a vida de milhões de cidadãos.

O Chavismo está na origem dos males que sofrem hoje os nossos vizinhos venezuelanos. Recordemos que o maluco coronel, que considerava ser ele a reencarnação do Libertador Simón Bolívar, simplesmente jogou por terra as instituições republicanas do seu país, ao transformar o Estado venezuelano numa espécie de extensão da sua própria casa, à maneira como o ditador Juan Vicente Gómez privatizou as instituições venezuelanas num regime familístico que se estendeu de 1908 até 1938, tendo inspirado ao Nobel colombiano García Márquez na escrita da sua obra prima sobre os ditadores latino-americanos: ***O outono do Patriarca*** (1975).

O Chavismo tentou privatizar o Estado e transformá-lo em empreendimento familiar do déspota o do seu séquito. Ora, essa lenta transformação teve três variáveis: econômica, política e cultural.

No terreno econômico, o maluco coronel simplesmente destruiu a empresa privada venezuelana, passando a estatizar, primeiro, as maiores firmas produtoras de alimentos. Desde a sua chegada ao poder até a morte do ditador, foram estatizadas 1.300 grandes empresas do setor agropecuário. Moral da história: o país passou a importar alimentos. Quando os preços do petróleo descambaram no mercado internacional, a crise alimentar se instalou e começou a faltar comida nos supermercados. Hoje os venezuelanos fogem do país para não morrerem de fome.

No terreno político, a "Revolução Bolivariana" de Chávez centralizou todos os poderes no Executivo hipertrofiado. As leis passaram a ser ditadas pelo presidente. O Legislativo e o Judiciário converteram-se em cópias do Executivo. A monótona figura de Chávez e, depois, de Maduro, paramentados de vermelho e brandindo a "Constituição Bolivariana", converteu-se em símbolo do despotismo implantado. Os opositores ao regime passaram a ser tratados como "inimigos da Nação". Os que não foram assassinados, amargam longas condenas impostas pelo Judiciário submetido à vontade do presidente de plantão.

A Venezuela entregou a sua soberania a Cuba, ao ter instalado em Havana os organismos de inteligência e repressão. Os cubanos passaram a gerir diretamente essas duas instâncias. O ditador

venezuelano foi morrer em Havana, para onde tinha sido transferida parte essencial do poder do Estado venezuelano.

No terreno cultural passou a se instalar a figura do "Big Brother", o líder vermelho. Convenhamos que as coisas pioraram após a morte de Chávez em 2013. Este tinha carisma e se tornou o "Pop Star" da mídia venezuelana. Chávez pretendia garantir a felicidade dos venezuelanos. Criou, para isso, o Ministério da Felicidade Popular (que, pasmem os leitores, ainda funciona!). Trata-se, certamente, de uma verdadeira aberração megalomaniaca, somente possível à luz dos ensinamentos do maluco "filósofo de Genebra", Jean-Jacques Rousseau.

Maduro não tem a popularidade nem o carisma de Chávez. O medíocre sucessor do lunático coronel passou a agir à sombra da memória do líder falecido, que lhe falava "através de um passarinho". Ridícula versão do populismo chavista que, se não fosse trágica (em decorrência dos milhares de vidas humanas que estão sendo sacrificadas pelo regime repressor), não passaria de uma comédia pastelão.

www.ecsbdefesa.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

